

# HISTÓRICO E PERMANÊNCIA DA PESCA ARTESANAL COMO ATIVIDADE ECONÔMICA NA ENSEADA DO MAR VIRADO, UBATUBA/SP

MARIANA CLAUZET\*

## RESUMO

*O presente trabalho tem como tema o conhecimento tradicional e a atividade pesqueira da comunidade caiçara da Enseada do Mar Virado em Ubatuba-SP. Por meio de entrevistas com questionários semi-estruturados o principal objetivo foi: analisar a organização da atividade pesqueira da Enseada do Mar Virado nas últimas décadas, enfocando transformações locais como o incremento do turismo e da pesca comercial na região. Os resultados demonstram principalmente que a Enseada do Mar Virado é um exemplo de populações tropicais que vivem na Mata Atlântica e utilizam os recursos pesqueiros através de práticas tradicionais. A pesca artesanal*

## ABSTRACT

*The present work has as theme the traditional knowledge and the fishing activity of the community inhabitant of the seaside of the Mar Virado Bay in Ubatuba-SP. through interviews with semi-structured questionnaires, the main objective was: to analyze the organization in the fishing activity of the bay of the turned sea in the last decades, focusing in the local transformations seems tourism and comercial fishing activities. The results presented that the Mar Virado Bay is a example of tropical populations that live in the atlantic forest and use the fishing resources through traditional practices and resist to several external influences*

*desenvolvida na região resiste a  
diversas influências externas e mesmo  
com outras atividades econômicas  
disponíveis, o pescador tem na pesca  
uma grande riqueza, pois através dela  
ele é capaz de sobreviver e reproduzir  
sua cultura.*

*that interfere in their traditional  
dynamics and economic survive.*

**ORIENTADOR**  
**PROF. DR. ANTÔNIO CARLOS SANT'ANA DIEGUES**

Dissertação de Mestrado  
defendida em 12/06/2003

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o conhecimento tradicional e a atividade pesqueira dos caiçaras da Enseada do Mar Virado em Ubatuba, estado de São Paulo. Os objetivos são estudar o conhecimento tradicional de que dispõe essa comunidade caiçara nas atividades de pesca e analisar a organização atual e as transformações ocorridas na atividade pesqueira daquela comunidade nas últimas décadas. A região da Enseada do Mar Virado representa um bom local de pesquisa para os objetivos propostos, pois a pesca artesanal local é praticada diariamente com diversificada aparelhagem de pesca, por quatro gerações de pescadores com conhecimentos, visões de mundo e expectativas diferentes.

Ao estudarmos aspectos culturais e de desenvolvimento local de uma comunidade caiçara, bem como o uso de recursos naturais feitos por essas populações, podemos demonstrar a importância do reconhecimento de que o conhecimento tradicional pode ser inserido em planos de conservação da biodiversidade e auxiliam essas populações a permanecer economicamente ativas se adaptando a diversas interferências e mudanças em seus territórios. Segundo Begossi (1998), por conta da origem mestiça de diferentes influências étnicas, os caiçaras possuem maior adaptabilidade a diferentes ambientes se comparados, por exemplo, à cultura indígena. A cultura caiçara responde a mudanças ambientais resultantes, por exemplo, da penetração das relações de mercado ou da devastação do ambiente natural pela especulação

\* Doutoranda em Ambiente e Sociedade. Universidade Estadual de São Paulo/NEPAM/  
UNICAMP Bióloga, pesquisadora pelo NEPAM-UNICAMP e pela FIFO-Fisheries  
and food institute, mclauzet@unicamp.br

imobiliária, se renovando a cada período e atualizando a tradição da pesca artesanal.

Entende-se por caiçaras aquelas comunidades formadas pela mescla étnico-cultural de indígenas, de colonizadores portugueses e, em menor grau, de escravos africanos. A cultura caiçara esteve marcada por uma forma de vida baseada na agricultura itinerante, na pequena pesca, no extrativismo vegetal e no artesanato. Essa cultura se desenvolveu principalmente nas áreas costeiras dos atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina. Alguns autores, como Mourão (1971) e Diegues (1983), afirmam que as comunidades caiçaras se formaram nos interstícios dos grandes ciclos econômicos do período colonial, fortalecendo-se quando estas atividades (em particular a do setor agrícola) entraram em declínio (Diegues & Arruda, 2001).

No interior do espaço caiçara surgiram cidades como Parati, Santos, São Vicente, Ubatuba, Ilha Bela e São Sebastião, com as quais as populações caiçaras mantiveram contato e intercâmbio econômico e social por vias terrestres, fluviais e marinhas. As comunidades caiçaras mantiveram sua forma tradicional de vida até a década de 1950, quando as primeiras estradas de rodagem interligaram as áreas litorâneas com o planalto, ocasionando o fluxo migratório (Diegues, 1983). Ao longo das últimas décadas, a especulação imobiliária privou grande parte dos caiçaras de suas posses nas praias, obrigando-os a se mudar para longe do local de trabalho, dificultando a atividade pesqueira.

A partir de 1960, o crescimento de São Paulo e do Rio de Janeiro trouxe o turismo de massa criando uma nova safra nos meses de verão, quando muitos caiçaras se tornam prestadores de serviços (Luchiani, 1997).

A população da Enseada do Mar Virado em Ubatuba/SP convive com o turismo e com as conseqüências da demanda do mercado turístico desde o final da década de 1960. A constatação fundamental para este trabalho é, porém, que diferentemente de outras regiões do litoral paulista, a comunidade caiçara local continua exercendo a atividade pesqueira diariamente, continua transmitindo e aplicando os conhecimentos tradicionais nestas práticas, e enxergando nelas uma das principais fontes de renda para a sobrevivência local. A questão então

que se levanta neste trabalho é: quais as razões para essa situação no Mar Virado? Ou seja: quais fatores fazem a população local ainda se dedicar com afinco à atividade tradicional de pesca artesanal mesmo com tantas opções de renda que o turismo traz consigo?

A posse e a transmissão do conhecimento tradicional de pesca artesanal juntos são fatores que formam a base para que essa população permaneça no seu território exercendo essa atividade. Outra importante causa para a permanência da atividade tradicional é que na Enseada do Mar Virado parte dos recursos financeiros adquiridos pela população na safra turística é reempregada na melhoria das práticas de pesca, isto é, na compra de aparelhagens e instrumentos de pesca. Assim, a dinâmica da cultura pesqueira está sendo transformada e reafirmada a partir de outras práticas econômicas.

## METODOLOGIA

O trabalho de campo foi desenvolvido com três categorias de pescadores:

1. Pescadores antigos: os que viveram da atividade de pesca e hoje não a praticam mais.
2. Pescadores artesanais: os que pescam sozinhos ou com uma equipe de pesca familiar ou de “camaradas”.<sup>1</sup> Fazem uso de tecnologias de pesca com menor alcance quantitativo e embarcações de menor autonomia se comparadas a outras categorias de pesca.
3. Pescadores comerciais: os assalariados, com compromisso de venda do pescado e tecnologias de pesca de amplo alcance quantitativo e embarcações de grande autonomia.

Ainda foram entrevistados outros informantes relacionados a atividade pesqueira local como:

1. Camarada é um termo utilizado pelos pescadores para se referir a uma pessoa da equipe de pesca que não tem embarcação ou aparelhagem, mas trabalha junto com o dono do barco e dos aparelhos na atividade de pesca.

- a) os responsáveis pelas Colônias de Pesca Z-8, de Caraguatatuba e Z-10, de Ubatuba;
- b) a coordenadora do Projeto de Maricultura do Instituto de Pesca de Ubatuba;
- c) o coordenador do Programa Pólo Pesca Marinho (Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo) Núcleo Pesqueiro do Litoral Norte; d) e os responsáveis do Projeto Tamar de Ubatuba.

O trabalho de campo baseou-se em entrevistas com questionários semi-estruturados contendo os seguintes tópicos:

1. Etnoconhecimento: Informações ecológicas sobre as espécies capturadas, pesqueiros e tecnologias de pesca utilizados.
2. Atividade pesqueira local: aspectos que possibilitaram a análise do desenvolvimento da pesca local e suas transformações nas últimas décadas.

Além das entrevistas com questionários foi realizada a observação direta durante todo o trabalho de campo, atentando principalmente para as viagens de pesca, desembarques de pesca artesanal e comercial, além de outras atividades culturais da população.

O trabalho de campo, centrado na observação direta dos fenômenos, busca uma vivência efetiva do conhecimento caiçara acerca do ambiente. Marques (2001) considera que este procedimento e as interpretações desta observação inscrevem-se metodologicamente na abordagem “êmica”<sup>2</sup> (Posey, 1987), que muitas vezes demonstra o amplo conhecimento sobre diversos fenômenos da natureza e diversas formas de uso de recursos, como a caça, as plantas medicinais e a pequena agricultura.

Antonio Cândido (2001) se dedicou a entender o modo de vida de um agrupamento de caiçaras e, segundo ele, foi uma boa escolha

para compreender os demais aspectos da cultura caiçara a adoção de um ponto de partida situado no nível modesto, mas decisivo da atividade econômica. Com o mesmo intuito, escolhemos a atividade de pesca artesanal para retratar o modo de vida desta população caiçara.

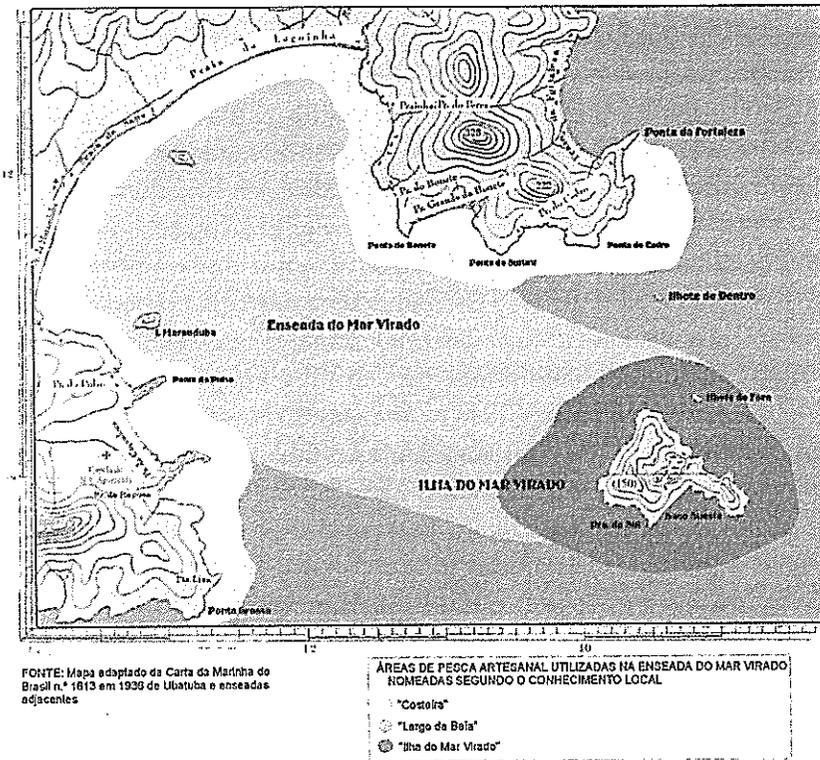
O maior tempo do trabalho de campo foi realizado com pescadores artesanais da Enseada do Mar Virado. A região da Enseada do Mar Virado faz parte do Parque Estadual da Serra do Mar e da Reserva da Biosfera da Mata-Atlântica da Unesco. A Enseada do Mar Virado tem profundidade média de 10 metros e é formada por um solo predominantemente siltoso. Os sedimentos da região da enseada são provenientes de dois rios que desembocam no mar: o rio da Lagoinha e o rio da Maranduba, duas praias que cercam a região.

A Enseada do Mar Virado é composta de nove praias: Caçandoca, Caçandoquinha, Pulso, Maranduba, Lagoinha, Peres, Bonete, Praia Grande do Bonete e Cedro. Fazem parte da enseada mais dois ilhotes próximos ao continente: o ilhote da Maranduba e o ilhote da Lagoinha. Das nove praias, a quatro delas se tem acesso de carro; às demais só se chega de barco ou por trilhas. Três praias (Cedro, Bonete e Caçandoquinha) não possuem casas de turistas, sendo exclusivamente de moradia caiçara. Quatro praias (Caçandoquinha, Peres, Bonete e Cedro) não têm luz elétrica e sistema de telefonia. Exceto nas praias da Maranduba e da Lagoinha (que acompanham a BR-101), não existe sistema de esgoto e abastecimento de água; em outras sete praias a água é encanada de nascentes nos morros e o esgoto vai para fossas residenciais.

A população da Enseada do Mar Virado é composta hoje por caiçaras e migrantes de diversos estados brasileiros, entre estes Minas Gerais, Ceará e Pernambuco. A população caiçara que hoje vive na região a habita há mais de um século. Na pesquisa de campo, através dos depoimentos caiçaras, foram identificadas ascendências de pessoas que hoje vivem na região, datados de 1917, e cujos pais e avôs já residiam na enseada.

2. Êmico é um termo que se refere a uma abordagem de pesquisa na qual as análises de dados são feitas considerando-se a cultura e o entendimento dos pesquisados. Segundo Posey (1987) é a abordagem do fato “visto de dentro, que permite penetrar no âmago dos sistemas, fornecendo um indício seguro de seu significado cultural”.

Mapa representando a Enseada do Mar Virado, Ubatuba/SP



## RESULTADOS

### AS CATEGORIAS DE PESCADORES EXISTENTES

O pescador artesanal encontrado na região de estudo é um pescador que desenvolve a atividade de pesca sozinho ou com uma equipe de pesca, geralmente de mão-de-obra familiar e/ou de "camaradas" através do uso de tecnologias de pesca, como redes de espera, linhadas e redes de cerco. As tecnologias de pesca artesanal são relativamente simples se comparadas as de outros tipos de pesca, como a comercial, por exemplo, pois os barcos são menores, as redes de material barato e os motores de menor potência. Por isso, o espaço de pesca explorado

pelos pescadores artesanais é o costeiro, limitado às áreas mais próximas do continente, em baías e enseadas adjacentes, não muito distantes de sua moradia ou porto de pesca.

A divisão de renda da pesca artesanal local é baseada em normas próprias, como o sistema de partes, no qual, após a retirada das despesas empregadas na pescaria, o dono dos aparelhos de pesca recebe duas partes da produção e os outros pescadores da equipe recebem uma parte cada um. O produto final desta atividade tem valor de venda e também de subsistência para as famílias dos pescadores.

O pescador comercial não existe na Enseada do Mar Virado, mas sim em outras localidades do município de Ubatuba. Identificamos dois tipos de pesca comercial na região: o primeiro em que o próprio dono trabalha na pesca, e o segundo de pescadores embarcados trabalhando para terceiros (tanto pessoa física quanto empresas). O pescador embarcado, assim como o camarada na pesca artesanal, geralmente não possui aparelhos de pesca comercial, e trabalha em uma equipe de pesca como assalariado.

Os pescadores de todo o país são reconhecidos como classe trabalhadora profissional somente se associados nas colônias de pesca, uma instituição vinculada ao governo federal. No município de Ubatuba está situada a Colônia de Pesca (Z-10) que tem hoje 400 cadastrados na pesca profissional, seja artesanal ou comercial, e cerca de 130 embarcações registradas.

Em 1973, Diegues realizou um estudo sobre a pesca em Ubatuba, como município representante do litoral norte, e constatou que 56% dos pescadores artesanais e 77,5% dos pescadores comerciais entrevistados por ele em Ubatuba eram filiados à Colônia de Pesca.

Tabela 1. Alterações importantes referentes aos pescadores artesanais de Ubatuba/SP

	Diegues (1973)		Clauzet (2001)		Observações
Faixa etária pescadores	65% dos pescadores de Ubatuba acima de 40 anos		Na EMV 40% dos pescadores artesanais tem menos de 40 anos		Envolvimento de crianças na EMV
Renda dos pescadores	Em praias urbanas a é renda menor do que em praias isoladas		Na EMV (região mais urbana) a renda é maior nas praias urbanas do que nas praias isoladas		Desorganização inicial das vilas urbanas. Estabilização das atividades turísticas
N.º de pescadores cadastrados nas colônias de pesca	Z-8	Z-10	Z-8	Z-10	Faixa etária pode cadastrados
	-	51	600	400	

## HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA PESCA REGIONAL

Na história da pesca regional em Ubatuba, os iniciantes foram os caiçaras denominados por Diegues (1973) de pescador-lavradores, que dividiam a pesca com as atividades nas roças. Estes iniciantes na atividade de pesca aos poucos foram se modernizando em tecnologia (adquirindo novas embarcações e aparelhagens de pesca) e expandindo seu território de pesca, transformando-se no que chamamos de pescadores artesanais. Na história da pesca no município, parte dos pescadores-lavradores, porém, não continuaram na pesca artesanal, pois por volta de 1930 se embarcaram na pesca de arrasto de camarão sete-barba (*Xiphopenaeus kroyeri*), ou nos barcos de sardinha (*Sardinella brasiliensis*), visando a pesca comercial.

Por volta de 1930, surgia em Ubatuba a prática de pesca de captura de sardinha (*Sardinella brasiliensis*) trazida principalmente por embarcações de Santos (Diegues, 1983). Num primeiro momento, a pesca da sardinha não incorporou muita mão-de-obra regional, pois era uma pesca que exigia equipamentos caros e uma tripulação de pesca especializada, condições que estavam fora do alcance do caiçara local. Os barcos de pesca de sardinha (as traineiras) contavam com a tripulação do barco e a tripulação que lidava somente com a rede (a traina); essa

última foi a que incorporou mão de obra local, pois foi através dela que alguns caiçaras adentraram nesta pesca.

Segundo um pescador entrevistado que trabalhou embarcado nesta pesca, o barco descarregava na década de 1970 duzentas caixas de sessenta quilos cada uma, somando doze mil quilos por desembarque no Saco da Ribeira, em Ubatuba. Dados de campo deste trabalho<sup>3</sup> demonstram que desde 1995 não existe mais desembarque de sardinha no município de Ubatuba. Ubatuba representou um grande pólo de pesca comercial além da pesca de sardinha. De cada cem quilos de garoupa (*Epinephelus* spp) que eram vendidos no Ceagesp em São Paulo, oitenta eram capturados em Ubatuba, e 60% das espécies de cações (*Carcharhinus* spp) vendidas no Ceagesp também provinham do município. A queda no estoque pesqueiro regional é visto como o principal motivo do fim desta posição do município de bom produtor.

Também nos anos 1940, além do incremento da pesca de sardinha (*Sardinella brasiliensis*), ocorreu no município a introdução da pesca com cerco flutuante, através dos japoneses. Mussolini (1980; 1946) apresenta dois momentos importantes na instalação desta armadilha de pesca japonesa: no primeiro ocorreu o êxodo das populações caiçaras locais para trabalhar em cercos flutuantes na região de Santos (pioneira nesta prática de pesca); e num segundo houve a volta desta população acrescida de nativos de Santos para instalar os primeiros cercos flutuantes locais. Muitos destes se tornaram proprietários de barcos associados a esta fase pesqueira do litoral paulista, incrementando a frota pesqueira de Ubatuba.

Em 1940 foi construído o entreposto de pesca que deu maior estabilidade ao desenvolvimento da pesca local, sobretudo pela fabricação de gelo que transformou as condições de conservação do pescado (Diegues, 1983), e em 1954 foi construído o mercado de peixes de Ubatuba.

A abertura da estrada entre Caraguatatuba e Ubatuba, por volta de 1948, incentivou o turismo na região, ficando mais intenso a partir de 1960, com a construção da BR-101. Com o incremento do capital do

3. Dados do Instituto de Pesca de Ubatuba/SP (Comentário pessoal, Ubatuba, 2002).

turismo somado ao da atividade de pesca foi possível o início da pesca do camarão (*Penneaus spp*) na região de Ubatuba. Uma pesca que necessita um grande investimento por parte do pescador em aparelhagem, mas fornece um excelente retorno financeiro nas safras de captura da espécie. Assim, quanto mais se desenvolveu o turismo, tanto o pescador que diretamente trabalhou com os turistas (como caseiros de veraneio ou construtores de casas, por exemplo), quanto os que tiveram nos turistas consumidores diretos da produção pesqueira artesanal beneficiaram-se economicamente.

#### A ATUAL ECONOMIA PESQUEIRA DA ENSEADA DO MAR VIRADO

As atividades pesqueiras na Enseada do Mar Virado ocorrem com uso de linhas, cerco flutuante, cerco de tainha (*Mugil platanus*), rede de espera, jangarelhos e arrasto de camarão (*Peneaus spp*). A pesca de linha é a menos importante economicamente, tendo apenas uma safra rentável na captura da “pescadinha” (*Isopisthus parvipinnis*) ou “tortinha”; contudo, a pesca de linha é uma atividade de lazer que inclui mulheres e crianças. Existe também a safra de pesca de tainha (*Mugil platanus*) e de sororoca (*Scomberomorus brasiliensis*) em maio, junho e julho. Essas safras são esperadas pelo pescador e por causa dela muitos arranjos nas equipes e equipamentos de pesca são feitos. A dinâmica de safras de pesca evidencia o conhecimento local de sazonalidade das espécies capturadas na região.

Outra pesca artesanal local é o cerco flutuante. Na região da Enseada do Mar Virado, o cerco flutuante existe desde a metade da década de 1960. Diegues constatou, em 1973, a existência de um cerco flutuante na praia da Maranduba, dois cercos flutuantes na praia Grande do Bonete, e um cerco flutuante na praia da Caçandóca. Hoje existe apenas um cerco flutuante em atividade na região situado na praia do Cedro, a leste da enseada. O cerco está num local ou “pesqueiro” herdado há gerações, de posse informal mantida pela lei do respeito entre os pescadores artesanais, tema esse já discutido por autores como Begossi (1995 e 1998), Diegues (1983) e Cordell (2001).

A atividade pesqueira com o cerco na Enseada do Mar Virado envolve uma grande equipe de pesca, muitas despesas e no mínimo duas embarcações. Trata-se de uma pesca trabalhosa, mas que pode ter um retorno financeiro interessante, já que sua captura alcança toneladas.

As pescarias de lula (*Oligo spp*) na enseada envolvem também as mulheres e as crianças. É um lazer unir a família e passar uma tarde, durante dezembro e fevereiro, nas cercanias da Ilha do Mar Virado pescando. Begossi (1991) e Begossi e Figueiredo (1996) estudaram a difusão de um método chamado de “lambreta” na Ilha de Búzios/SP, no qual os pescadores capturam as lulas em jangarelhos com iscas artificiais. A pesca da lula na Enseada do Mar Virado é bastante praticada, tanto para adquirir produto para servir em bares da região, quanto para a venda a turistas.

A rede de espera é a forma de pesca mais difundida na região da Enseada do Mar Virado. Ela é realizada com malhagens de rede que variam de 7 cm entre nós opostos, a “tróia”, até malhas de rede de 12 cm entre nós opostos, os “tremalhos”. As redes de espera são colocadas em três regiões diferentes da Enseada do Mar Virado e classificadas, segundo o conhecimento local, por “costeira”, “baía” e “ilha” (ver mapa anterior). De acordo com essas áreas de pesca, com as espécies alvo da pescaria e com as condições ambientais, de marés e chuvas, variam a utilização das embarcações e das aparelhagens de pesca, demonstrando novamente um conhecimento local especializado.

O deslocamento aos locais de pesca da Enseada do Mar Virado são feitos principalmente com barcos de alumínio e motor de popa, e com canoas a motor e canoas a remo quando as redes estão perto da costa. O motor de popa é característico da pesca artesanal atual, sendo introduzido na região da Enseada do Mar Virado por um pescador no final da década de 1960. A maneira de deslocamento é uma característica eficaz na diferenciação da pesca do tempos dos antigos pescadores e da pesca artesanal atual. Diegues (1973) verificou que na praia da Maranduba, apenas um em dezessete (6%) dos pescadores tinham embarcações de motor; nenhum pescador possuía na praia Grande do Bonete; e, na praia do Peres, apenas um pescador (25%).

**Tabela 2. Evolução da motorização entre os pescadores artesanais da Enseada do Mar Virado**

Praia	Diegues (1973)		Clauzet (2001)	
	Nº total de pescadores	Pescadores motorizados	Nº total de pescadores	Pescadores motorizados
Praia grande do Bonete	10	0	8	7
Praia do Peres	4	1	3	6

O motor de popa permitiu ampliar o espaço de pesca e transportar turistas às praias locais de maneira mais rápida. É um equipamento caro, que necessita de um capital excedente para adquiri-lo. Apesar disso, a questão do "ganho de tempo" é determinante para seu uso ser muito difundido na região. Hoje em dia, os netos dos entrevistados pelo autor na praia da Maranduba, no Peres e na praia Grande do Bonete são pescadores residentes na Enseada do Mar Virado e proprietários de barcos de arrasto de camarão, barcos de alumínio com motor de popa e canoas com motor de centro. Contudo, além do gasto inicial de adquirir um motor de popa, todos os pescadores entrevistados lembraram os altos custos de manutenção e abastecimento do equipamento. Devido aos altos preços dos combustíveis, muitas vezes os pescadores optam por uma atividade de pesca próxima a costa que lhes permitam um deslocamento em canoas a remo.

Assim como o motor de popa, os barcos de arrasto de camarão (*Peneaus spp*) também foram introduzidos na pesca artesanal da Enseada do Mar Virado nas últimas décadas. Por volta de 1980, uma família de pescadores adquiriu uma baleeira para o arrasto de camarão sete-barba (*Xiphopenaeus kroyerii*) e camarão branco (*Litopenaeus shmitti*). Com a introdução das baleeiras, a pesca de arrasto se tornou uma atividade muito rentável para a população local. Entre junho e meados de agosto, os pescadores locais executam a pesca do camarão branco (*Litopenaeus shmitti*), e menos assiduamente a pesca do camarão sete-barbas.

Atualmente, os pescadores artesanais estão dividindo seu tempo de trabalho de pesca não mais com a agricultura, como no tempo dos

antigos pescador-lavradores, mas sim com muitas atividades ligadas ao turismo e conservação dos recursos marinhos.<sup>4</sup>

A existência de uma safra turística (de dezembro a fevereiro, incluindo o Carnaval) na Enseada do Mar Virado, disponibiliza um capital excedente para o pescador artesanal local. Podemos verificar que os caiçaras que praticam a pesca artesanal se utilizam do excedente desse dinheiro para adquirir diversos equipamentos de pesca melhorando a eficiência da atividade nas safras de pesca.

Se pensarmos numa linha do tempo de um ano, existe primeiramente um investimento, anterior à temporada de verão, para a compra de barcos de alumínio e motores de popa, coletes salvavidas, guarda-sóis, apetrechos para manter os bares da família, entre outros. Esse investimento é sempre feito a prestações, contando que o dinheiro conseguido na própria temporada pagará estas dívidas. Depois das férias de Natal e Ano Novo o pescador já consegue praticamente liquidar suas dívidas.

Por fim chega o Carnaval, no qual o movimento turístico é novamente intenso, sendo em poucos dias um período de retorno financeiro tão bom quanto a semana do Natal e Ano Novo. Assim, quando chega o mês de março é hora de juntar o dinheiro livre adquirido no trabalho de praia e somá-lo ao dinheiro livre adquirido no comércio de bares. Esse montante chega em torno de 8 mil reais nos melhores casos, ou seja, safras em que o caiçara teve um bom trabalho com o turismo na praia e é dono ou sócio de bares de praia e 3 mil reais para quem somente trabalhou na praia.

## ESTUDO DE CASO

### Safra turística (25/12/2002 - 07/03/2003)

	Investimento R\$(s/ combustível)	Lucro obtido R\$
Bar (Praia do Bonete)	± 15.000,00	± 8.000,00 (± 2.600 para cada sócio)
Trabalho nas praias - passeios de barco e pescarias	± 7.000,00 (motor de popa)	± 1.000,00

4. A maricultura e a participação dos pescadores no Projeto Tamar são exemplos destas novas atividades de conservação, que discutiremos mais adiante.

## Safr de pesca (tainha, sororoca, camarão e cação)

Reinvestimento	R\$ (sem incluir o combustível e a compra de embarcações motorizadas)
Canoas	± 900,00 a canoa de cerco de tainha ± 400,00 canoa para outras pescas
Rede de arrasto de camarão	± 300,00
Rede de cerco de tainha	± 1.500,00 a 2.000,00
Tróia de camarão	± 450,00 (completa)

Os pescadores começam o investimento na pesca por consertar as embarcações. As canoas para o cerco de tainha são o primeiro investimento: quem já tem arruma; quem não tem compra. Uma boa canoa de cerco vale na região em torno de 900 reais. Outras canoas de menor porte para a pesca de rede de espera ou linhada podem ser compradas por cerca de 400 reais. Em seguida é comprado o material para a feitura da rede de tainha. Para tal o pescador gasta em torno de 1.500 a 2 mil reais, dependendo do tamanho da rede (soma-se neste valor os preços das panagens de redes, chumbo, corda, cortiça e fio de entralhe, além do serviço pago a terceiros para entralhar a rede). Após a safra de tainha, as redes que fazem o cerco são remontadas em redes de espera para a captura de outras espécies como a corvina (*Micropogonias furnieri*).

Outro destino certo do dinheiro restante da temporada de verão é o investimento na aparelhagem de pesca de camarão (*Penaeus spp*). O investimento em redes custa cerca de 300 reais, além do combustível e cuidados com a embarcação; na região existem também pescadores que capturam o camarão em rede de espera, localmente chamada de "tróia".

É evidente, portanto, que o custo de ser pescador não é pequeno, pois a cada ano os preços de panagens, cortiças, chumbo, serviços de feitura e combustível aumentam. Por esta razão é nítido que o capital excedente para investimento na pesca de pescadores que também trabalham na safra turística é significativamente maior do que o adquirido por pescadores que não trabalham com o turismo e, por isso, a rentabilidade da prática de pesca desse último é menor. Por outro lado, o pescador que pode reinvestir seu dinheiro do verão nas práticas

de pesca acaba por ter uma alta rentabilidade, já que seus instrumentos de pesca permitem, principalmente na pesca de camarão, um excelente retorno financeiro capaz de ser utilidade tanto para a sobrevivência da família em meses ruins de renda, ou até para pequenos investimentos em obras nas propriedades.

O turismo local em termos de geração de renda e capital de investimento é hoje fundamental para os pescadores locais. O fato de esses pescadores se interessarem em reinvestir este dinheiro nas práticas de pesca é um comportamento ou uma escolha representativa da permanência da cultura de pesca artesanal nas populações caiçaras, e, nesse sentido, é o principal proporcionador da reprodução dessa atividade. Em muitas outras regiões do país o turismo também gera capital para as famílias locais vinculadas a ele, porém muitas dessas famílias se distanciaram das práticas tradicionais. Diferentemente, os pescadores da Enseada do Mar Virado fazem a escolha de reinvestir parte do capital adquirido em outras atividades econômicas na pesca artesanal.

Firth (1968) e Redfield (1967) escrevem sobre a temática das relações econômicas e sociais inseridas nas diferentes culturas. Para Firth, é bastante difícil demonstrar em estudos empíricos da realidade econômica de uma sociedade o quanto de cultural esta implícito na compra de instrumentos de trabalho por exemplo. O comportamento de reinvestimento nas práticas de pesca na Enseada do Mar Virado demonstra um traço cultural que ultrapassa os limites e dificuldades impostas, como, por exemplo, o atual alto preço dos materiais de pesca, ou a queda de estoque pesqueiro. O pescador trabalha de dezembro a março das sete da manhã às sete da noite, sob o forte sol de verão na praia, num sacrifício visível a quem observa, mas sem em nenhum momento se sentir prejudicado; ao contrário, com expectativa de uma boa safra turística que lhe permita uma eficiente prática de pesca artesanal durante todo o restante do ano.

## CONCLUSÕES

Tanto o avanço tecnológico como as conseqüentes modificações econômicas e sociais trazidas por esse avanço não são um simples progresso, mas sim um complexo processo onde novas práticas e conhecimentos se somam à tradição para serem revertidos a favor da comunidade, proporcionando maior eficiência nas atividades econômicas e a permanência das populações em seus territórios originais, ambos fatores fundamentais na reprodução da população.

O turismo pode ser entendido como mais uma safra na vida atual do pescador artesanal da Enseada do Mar Virado. Da mesma forma que a safra da tainha, a pesca da lula e de camarão, o caiçara da região espera e se prepara para a safra do turismo. A dinâmica de organização e desenvolvimento da pesca artesanal relacionada ao capital excedente gerado pelo turismo local nos chama a atenção para a capacidade das populações tradicionais em incluir modificações nas suas práticas de vida; ou seja, o turismo é incorporado como trabalho não somente pelo dinheiro em si que ele disponibiliza, mas também pela possibilidade do seu excedente proporcionar melhorias na eficiência de suas práticas tradicionais.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos pescadores artesanais da Enseada do Mar Virado, Ubatuba/SP, pela colaboração; Antonio Carlos Diegues, pela orientação; e à FAPESP, pelo financiamento dessa pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

- BEGOSSI, A. The diffusion of “lambreta” an artificial lure at Búzios Island (Brazil). *MAST*, v. 4, n. 2, 1991, pp. 88-103.
- \_\_\_\_\_. Fishing spots and sea tenure: incipient forms of local management in Atlantic Forest coastal communities. *Human Ecology*, v. 23, n. 3, 1995, pp. 387-405.

- BEGOSSI, A. & FIGUEIREDO, J. L. Ethnoichthyology of southern coastal fishermen: cases from Búzios island and Sepetiba bay (Brazil). *Bulletin of Marine Science*, v. 56, n. 2, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Resiliense and neo-traditional populations: the caiçaras (Atlantic Forest) and caboclos (Amazon, Brasil)”, in BERKES, F. & FOLKE, C. (eds.). *Linking Social and Ecological Systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 130-157.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2001.
- CORDELL, J. 2001. “Marginalidade social e apropriação territorial marítima na Bahia”, in DIEGUES, A. C. S. & CASTRO, A. M. *Espaços e recursos naturais de uso comum*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Nupaub, 2001.
- DIEGUES, A. C. S. *Pesca e marginalização no litoral paulista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. & ARRUDA, Rinaldo, S. V. et al. *Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil. Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil no contexto da Convenção sobre Biodiversidade biológica*. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/COBIO (CNPq)/ Nupaub/ USP, 2001.
- FIRTH, R. *Elements of Social Organization*. London: Frank Less Press, 1968.
- LUCHIARI, M. T. “Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista”, in RODRIGUES, A. B. (org). *Turismo, modernidade e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997, pp. 136-54.
- MARQUES, J. G. W. 2001. *Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco alagoano*. São Paulo: USP, 2001, p. 204.
- MOURÃO, F. 1971. *Os pescadores do litoral sul do estado de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo/FFLCH, Tese de Doutorado, 1971.
- MUSSOLINI, Gioconda. *Cultura caiçara: ensaios de antropologia indígena e caiçara*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- \_\_\_\_\_. O cerco flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a Ilha de São Sebastião como centro de difusão na Brasil. *Sociologia: revista didática e científica*, São Paulo, v. 8, n. 3, 1946, pp. 172-83.
- POSEY, D. “Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia”, in RIBEIRO, B (org.). *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis/Brasília: Vozes/Finpe, 1987.
- REDFIELD, R. *The Social Organization of Tradition*. Boston: Little Brown, 1967.